

CANAOESTE - 60 ANOS

TRANSFORMANDO A HISTÓRIA DA CANA

Ao completar 60 anos de existência, a **CANAOESTE** comemora uma relação duradoura de amizade e participação com os produtores de cana-de-açúcar. Uma existência de trabalho e dedicação. Uma convivência ímpar de solidez e respeito.

Realmente, há muito que comemorar.

As páginas deste livro são uma viagem no tempo que percorre os diferentes caminhos trilhados pela **CANAOESTE** desde sua criação. História esta que começou com o objetivo principal: congregar os plantadores e fornecedores de cana-de-açúcar do Oeste do Estado de São Paulo defendendo os direitos e interesses, junto às unidades industriais e quaisquer órgãos públicos ou privados; manter relações de cooperação e articulação com as demais Associações congêneres além de ministrar ensinamentos técnicos úteis aos seus associados.

Com sua sede social instalada na cidade de Sertãozinho a **CANAOESTE**, que é uma entidade sem fins lucrativos, facilita a obtenção e benefícios concedidos pelos poderes públicos aos seus associados.

Uma Biblioteca com mais de 12 mil exemplares é organizada e mantida pela **CANAOESTE**, que também mantém instalado o **Hospital Netto Campello**, com o fim de prestar assistência médica, hospitalar, odontológica e farmacêutica a seus associados e dependentes.

Por esses motivos e por todos os fatos que serão descritos nas páginas a seguir, este livro é uma homenagem àqueles que fizeram da **CANAOESTE** uma organização respeitada e apontada por muitos como um dos melhores exemplos de associativismo. Exemplo que esperamos ser seguido pelas gerações futuras de dirigentes e de pessoas que virão a fazer parte da história da **Associação dos Plantadores de Cana do Oeste do Estado de São Paulo**.



CANA-DE-AÇÚCAR

DESDE 1.500
ADOÇANDO A VIDA
DOS BRASILEIROS





CANA-DE-AÇÚCAR



A melhor saída é indicada pela natureza.



A CULTURA DA CANA

A cana-de-açúcar é uma planta versátil do ponto de vista agrônômico e industrial permitindo diversas formas de aproveitamento com largo espectro social. Trata-se de uma gramínea cujo potencial, variado e complexo, ainda pode ser muito explorado. No Brasil plantam-se 4,5 milhões de hectares de cana, resultando em matéria-prima que permite a fabricação de energia natural, limpa e renovável. Ela é plantada tanto nas regiões Centro-Sul como na Norte-Nordeste, o que permite dois períodos de safra.

Em seu ciclo produtivo a cultura demora de um ano a um ano e meio para ser colhida e processada. A mesma plantação pode ser colhida cinco vezes ou mais (dependendo das técnicas de manejo e das condições do solo) mas a cada ciclo devem ser feitos investimentos para manter a produtividade.

Segundo alguns pesquisadores a cana pode ser considerada uma usina de enorme eficiência: cada tonelada tem um potencial energético equivalente a 1,2 barril de petróleo.

SENDO TÍPICA DE CLIMAS TROPICAIS E SUBTROPICAIS, A CANA-DE-AÇÚCAR ENCONTROU NA AMÉRICA EXCELENTES CONDIÇÕES PARA O SEU DESENVOLVIMENTO.



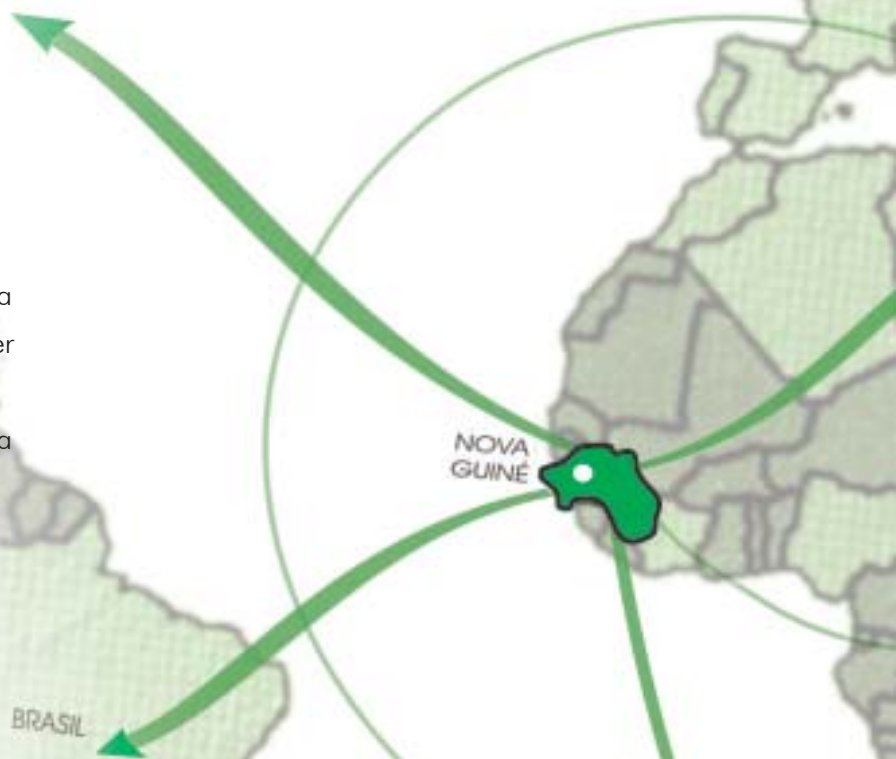



ORIGEM DA CANA-DE-AÇÚCAR

Originária da Nova Guiné a cana-de-açúcar foi levada dali para o Sul da Ásia, onde foi usada, de início, principalmente, em forma de xarope. A primeira evidência do açúcar em sua forma sólida data do ano 500, na Pérsia. A propagação das culturas de cana no norte da África e sul da Europa deve-se aos árabes, na época das invasões. Nesse mesmo período, os chineses a levaram para Java e Filipinas.

Típica de climas tropicais e subtropicais a planta não correspondeu às tentativas para cultivá-la na Europa. No século XIV continuou a ser importada do Oriente, embora se tivesse propagado, em escala modesta, por toda região mediterrânea. A guerra entre Veneza e os turcos levou à procura de outros centros abastecedores. Surgiram daí culturas nas ilhas da Madeira, implantadas pelos portugueses, e nas Canárias, graças aos espanhóis.

Foi, contudo, a América que ofereceu à cana-de-açúcar excelentes condições para seu desenvolvimento. Mais tarde as maiores plantações do mundo se concentrariam nesse continente. Depois de Cristóvão Colombo ter levado as primeiras mudas para São Domingos em sua segunda viagem (1.493), as lavouras





estenderam-se a Cuba e outras ilhas do Caribe. Dali a planta foi levada, por outros navegantes, para as Américas Central e do Sul.

Atualmente, quase metade da produção mundial de cana-de-açúcar é assegurada por cinco nações das Américas – Brasil, Cuba, México, Argentina e Estados Unidos. Seguem-se, pela importância de suas safras, países asiáticos como a Índia, a China e as Filipinas.

PARA GERMINAR E CRESCER VIGOROSA GERANDO BOA COLHEITA, A PLANTA NECESSITA DA MÃO DO HOMEM.

A CHEGADA AO BRASIL

Embora nem todas as pessoas saibam, a cana-de-açúcar está diretamente ligada à história de cada um de nós, brasileiros. Desde o século 16, quando nossas terras foram descobertas por espanhóis e portugueses, o açúcar já começava a ser produzido aqui. Segundo alguns historiadores, há indícios de que o cultivo da cana-de-açúcar seja anterior à época dos descobrimentos mas seu desenvolvimento se deu posteriormente, com a criação de engenhos e plantações com mudas trazidas pelos portugueses. Já em fins do século XVI os Estados de Pernambuco e Bahia contavam com mais de uma centena de engenhos, tendo a cultura florescido de tal modo que o Brasil, até 1.650, liderou a produção mundial de açúcar com grande penetração no mercado europeu.

Martim Afonso de Sousa - que implantou o primeiro engenho de açúcar no país - ainda em 1.532, não podia imaginar a importância que a cultura adquiriria séculos mais tarde. Hoje, além do açúcar, a cana proporciona ao Brasil o álcool combustível, importante alternativa para diminuir nossa vulnerabilidade energética. Além disso, a mesma cultura é a responsável pela geração de um milhão de empregos diretos em várias regiões do país.

O ciclo do açúcar sobreviveu aos séculos 16 e 17. A partir do século 18 o

açúcar brasileiro entrou em decadência devido ao protecionismo e, principalmente, ao surgimento do açúcar de beterraba na Europa. Somente no final do século 19 é que nascem as primeiras usinas no país. Com a eclosão da I Guerra Mundial em 1.914, que provocou uma devastação na indústria açucareira europeia, principalmente no norte da França. Esse fato provocou um aumento no preço do açúcar no mercado mundial incentivando a construção de novas usinas no Brasil, notadamente em São Paulo, onde muitos produtores de café desejavam



Uma viagem à procura do “solo perfeito”.

diversificar seu perfil de produção. Até 1.930, no Brasil haviam 83 unidades produtoras de açúcar.

Embora os registros da produção do álcool combustível datem da década de 20 a sua fabricação em larga escala só viria a acontecer anos mais tarde, na década de 70. Foi nesse período que o agronegócio da cana tornou-se fundamental para a prosperidade no campo e para a economia brasileira.

Atualmente a cana-de-açúcar é o carro chefe da energia de biomassa do Brasil e do

mundo, com uma grande geração de empregos. É relevante também para um país com as dimensões e problemas sociais do Brasil o fato de que a atividade canieira emprega, com remuneração digna e garantias trabalhistas, milhares de trabalhadores, entre os quais grande contingente com menor qualificação e que teria enorme dificuldade de emprego na indústria ou no setor de serviços.

NOVA
GUINÉ





O cumprimento de metas com respeito pela vida.







O doce sabor da energia

*“A preservação e o respeito
pela natureza
contribuem para a vida e o
bem-estar de todos”.*

A INDÚSTRIA AÇUCAREIRA

NO ESTADO DE SÃO PAULO E O SURGIMENTO DO IAA

No final do século XIX o Brasil vivia a euforia do café. Nada menos que 70% da produção mundial estava concentrada em suas terras. Após a abolição da escravatura, o governo brasileiro incentivou a vinda de imigrantes europeus com a finalidade de suprir a mão-de-obra necessária às fazendas de café que na época já se concentravam no interior paulista. Esses imigrantes foram, com o passar do tempo, adquirindo glebas de terra e assim desenvolvendo outras atividades agrícolas.

Muitos deles, em sua maioria de origem italiana, optou então pela produção de aguardente a partir da cana-de-açúcar, produto de comércio fácil e de boa rentabilidade. Inúmeros engenhos foram se concentrando no quadrilátero formado entre Campinas, Itu, Mogi-Guaçu e Piracicaba, e mais ao norte do Estado, nas vizinhanças de Ribeirão Preto.

Já no século XX, com terras menos adequadas ao café, Piracicaba, que também já possuía em sua região três dos maiores Engenhos Centrais do Estado, rapidamente tornou-se o maior centro produtor de cana-de-açúcar de São Paulo. A partir da década de 10, impulsionados pelo crescimento da economia paulista, os





engenhos de aguardente foram rapidamente se transformando em usinas de açúcar, dando origem aos grupos produtores mais tradicionais do Estado na atualidade. Essa expansão da produção também ocorria no Nordeste, principalmente nos Estados de Pernambuco e Alagoas. As usinas nordestinas eram responsáveis por toda a exportação brasileira e ainda complementavam a demanda dos Estados do Sul, cuja produção ainda não era suficiente para atender o consumo.

A produção do Nordeste, somada à do norte fluminense e à rápida expansão das usinas paulistas acenavam para um risco eminente, a superprodução. Foi com o intuito de controlar a produção que surge então o **IAA – Instituto do Açúcar e Álcool**, criado pelo governo Vargas em 1.933.

O mecanismo de controle adotado pelo IAA foi o regime de cotas, onde se atribuía a cada usina brasileira uma determinada quantidade de cana a ser moída, a produção de açúcar e também a de álcool. A aquisição de novos equipamentos ou a modificação dos existentes também tinham que ser autorizados pelo IAA.



Não importa como, nós produzimos assim mesmo.







Sinônimo de fé e coragem.

“Nem sempre ganhamos aquilo que queremos mas, com fé e coragem lutamos por tudo aquilo que conquistamos”

A CULTURA DA CANA-DE-AÇÚCAR EM SERTÃOZINHO O MAIOR PÓLO SUCROALCOOLEIRO DO MUNDO

As várias crises pelas quais passou a cafeicultura abriu amplas possibilidades para a cultura da cana no Estado de São Paulo. Antes de 1.900 havia no município de Sertãozinho pequenas e esparsas plantações de cana aproveitadas pelas engenhocas que se limitavam a fabricar aguardente, rapadura e melado. Vale ressaltar que entre o ciclo do café e da cana houve em Sertãozinho uma fase intermediária de cultura intensiva de algodão. O algodão que na época era tido e mantido como agricultura marginal, geralmente relegado às terras mais pobres e a classe de lavradores menos favorecidos, adquiriu força de planta nobre e invadiu a terra roxa das decadentes fazendas de café. Dessa forma, pode-se afirmar que o algodão salvou a situação dos agricultores de Sertãozinho durante a crise de 1.929. O período de maior produção de algodão no município prolongou-se do ano de 1.933 a 1.937.

Consta no “Documentário Histórico de Sertãozinho 1.896/1.956” escrito e editado pelo Dr. Antônio Furlan Júnior que, numa sessão da Câmara de 6 de setembro de 1.900, o senhor Aprígio de Araújo apresentou a seguinte proposta, que foi o início, da cultura da cana no município: “Considerando que este município presta-se admiravelmente à cultura da cana; Considerando que os lavradores, amedrontados pela baixa do café, empregaram suas atividades no cultivo da cana e se

encontram em sérias dificuldades devido ao barateamento da aguardente; Considerando que seria possível utilizar toda a cana que se possa formar no município construindo um engenho central, etc., proponho:

1.º) _ Que se isente de impostos, pelo prazo de 20 anos, a pessoa ou companhia que montar um engenho central que tenha as proporções de utilizar toda a cana do município na fabricação de açúcar, álcool e aguardente.

2.º) _ Como medida de urgência imediata e auxiliadora que fica revogado o imposto sobre exportação de aguardente constante da Lei número 14 Tab.E.”.

Essa lei foi votada e aprovada em 27/11/1.900.

Em 6 de agosto de 1.906 o Coronel



Francisco Schmidt, valendo-se dos benefícios desta lei, requereu a isenção de impostos para um engenho que iria montar com o nome de Engenho Central de Sertãozinho, no sítio chamado Pocinhos e que comprara de Alexandre Balbo que mais tarde viria a ser sócio-fundador da **CANAOSTE** e também seu

primeiro presidente.

A maior plantação de cana naquela época (1.902) foi realizada pelo Coronel Francisco Schmidt na Fazenda São Miguel de 60 alqueires. Ele havia preparado a terra para plantar café mas como houve naquele ano geadas preferiu iniciar a lavoura intensiva da cana-de-açúcar. Já contava então a Fazenda São Miguel com um pequeno engenho movido a vapor para a fabricação de aguardente. Em 1.916, o Coronel Francisco Schmidt construiu nessa fazenda a segunda usina de açúcar e, assim, tornou-se o primeiro usineiro de Sertãozinho. Hoje, já transcorridos mais de cem anos desde a primeira vez que se ouviu falar de cana no município, a principal cultura de Sertãozinho, aquela que constitui sua maior e principal fonte de riquezas, é, sem sombra de dúvidas, a indústria sucroalcooleira. Sertãozinho é hoje o maior pólo sucroalcooleiro do mundo e conta com cinco usinas de açúcar e álcool, duas destilarias e três engenhos de aguardente.

A 8 KM DE SERTÃOZINHO
FICA O ENGENHO CENTRAL,
A PRIMEIRA USINA DE
AÇÚCAR DA CIDADE.

